

notícia dos dramas vitiza ou o nero de espanha e a mulher feia, de martins pena

Bruna Silva Rondinelli*

Resumo

Luis Carlos Martins Pena (1815-1848) é consagrado pela historiografia literária como o precursor da comédia nacional de costumes. Com a encenação de *O juiz de paz da roça*, em 1838, iniciou uma situação nova no teatro brasileiro, ao abordar aspectos sociais, políticos e econômicos da sociedade imperial. O autor não apenas escreveu inúmeras peças cômicas, como também se dedicou à composição de dramas históricos, raramente estudados. Por meio de investigação historiográfica realizada na imprensa carioca da década de 1840, nos periódicos *Jornal do Commercio* e *Diário do Rio de Janeiro*, pretendemos elucidar informações inéditas acerca de *Vitiza ou O Nero de Espanha* e *A mulher feia*, os únicos dramas que Martins Pena encenou em vida. Este artigo apresenta o enredo dessas peças e contextualiza

suas exibições no principal teatro da corte, o Teatro de São Pedro de Alcântara.

Palavras-chave:

Martins Pena. Drama. Imprensa. Anúncios teatrais.

Abstract

Luis Carlos Martins Pena (1815-1848) is recognized by literary historiography as the founder of national comedy of manners. With the staging of *O Juiz de Paz da Roça*, in 1838, he started a new proposition in the Brazilian theater, introducing social, political and economic aspects of the imperial society. The author not only wrote countless comic plays, but was also dedicated to the composition of historical dramas, barely studied. With the historiography investigation of carioca press on the 1840 decade, in the periodic *Jornal do Commercio* and *Diário do Rio de Janeiro*, we intend to reveal unknown information about the plays *Vitiza ou O Nero de Espanha* and *A Mulher Feia*, the only two dramas staged by the author in life. This paper presents the story of these two dramas and contextualizes its representations in the most important theater of the Court, the São Pedro de Alcântara's Theater.

Keywords:

Martins Pena. Drama. Press. Teatral announcements.

Somos a primeira geração a conhecer verdadeiramente Martins Pena, não se excluindo nem mesmo os seus contemporâneos, que conviviam com o homem mas não podiam abarcar, num único lance de olhar, a totalidade de sua obra. (Décio de Almeida Prado, "Repensando Martins Pena", in: V. S. Arêas, *Na tapera de Santa Cruz: uma leitura de Martins Pena*)

Nascido em uma família de comerciantes burgueses, Martins Pena iniciou seus estudos na Escola de Comércio do Rio de Janeiro. Como aponta Veiga¹, seu primeiro biógrafo, ainda jovem estudou literatura, pintura, música e canto na Academia de Belas Artes. Já diplomado, na década de 1840, passou a dividir seu tempo entre os trabalhos no funcionalismo público, atuando como amanuense na Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros; no jornalismo, como cronista teatral, publicando semanalmente seus folhetins no *Jornal do Commercio*, entre setembro de 1846 e outubro de 1847; e na literatura, com as composições dramáticas para o teatro.

Martins Pena é tido pela historiografia literária brasileira como o precursor da comédia nacional de costumes, por ter iniciado uma situação teatral nova nos palcos da época, visto que suas peças cômicas abordavam tipos e aspectos político-econômicos da sociedade imperial². O comediógrafo é consagrado por sua acurada capacidade de observar cenas do cotidiano e levá-las, com maestria e humor, aos palcos. Segundo Prado: "o seu teatro revela um pendor quase jornalístico pelos fatos do dia, assinalando em chave cômica o que ia sucedendo de novo na atividade brasileira cotidiana, com destaque especial para a cidade do Rio de Janeiro"³.

Das 28 peças que compôs, 20 foram encenadas durante sua vida, sendo 18 comédias de um e três atos e dois dramas históricos. Essas peças estrearam e foram encenadas com frequência, entre os anos de 1838 e 1847, no Teatro de São Pedro de Alcântara. Este, o mais

importante teatro do período, foi erigido na Praça Tiradentes e inaugurado em 12 de outubro de 1813, como Real Teatro de São João. A casa de espetáculos acomodava 1.020 espectadores na plateia e contava com 112 camarotes que recebiam até 300 pessoas. De acordo com Sousa⁴, sua construção foi idealizada por D. João VI e o financiamento da obra assumido pelo empresário Fernando José de Almeida. Em 25 de março de 1824, o teatro sofreu o primeiro incêndio devastador, o que obrigou os administradores a fecharem suas portas e a reconstruí-lo. Após a reforma, foi reinaugurado em 16 de abril de 1827, como Imperial Teatro São Pedro de Alcântara, uma forma de homenagear o Imperador D. Pedro I. Porém, em 3 de maio de 1831, devido a questões políticas, já recebia outro nome: Teatro Constitucional Fluminense. Em 2 de junho de 1838, passou a ser denominado, definitivamente, como Teatro de São Pedro de Alcântara. Ao longo da primeira metade do século XIX, ele manteve presença marcante na história cultural da corte brasileira, impulsionando a carreira artística de João Caetano dos Santos⁵ e apresentando ao público os primeiros dramaturgos nacionais, Gonçalves de Magalhães e Martins Pena.

Nosso primeiro comediógrafo entrou para a cena teatral com a representação de *O juiz de paz da roça*, comédia que satiriza a Justiça brasileira imperial e traça um painel da vida de uma família roceira. A peça foi encenada pela companhia dramática do ator João Caetano, em 4 de outubro de 1838, em espetáculo dedicado ao benefício da atriz Estela Sezefreda. O anúncio referente à estreia, veiculado pela imprensa oitocentista, traz informações detalhadas sobre o programa do espetáculo:

Teatro de S. Pedro de Alcântara. Estela Sezefreda faz benefício quinta-feira, 4 de outubro do corrente ano, com o novo drama romântico, em 3 atos, denominado Conjuração de Veneza. Esta composição, de um gênero novo, não deixará de agradar, e o título dá uma ideia do quanto deve ser interessante, porque

ele se acha gravado nas páginas da história italiana. Respectivamente a cenário e vestuário, será segundo a época. A nova farsa, *O juiz da roça*, que termina por uma tocata e dança própria do lugar, porá fim ao espetáculo.⁶

A comédia, primeiramente denominada *O juiz da roça*, foi anunciada anonimamente, já que as peças em um ato eram divulgadas na imprensa, quase sempre, sem identificação de autoria. Na programação teatral da época, as pequenas peças cômicas em um ato, como *O juiz de paz da roça*, encerravam os espetáculos, após a exibição de peças maiores, de três a cinco atos. O anúncio também faz referência ao último quadro da comédia, no qual há a exibição de um número musical e de uma dança, o *Fado da tirana*.

Martins Pena voltou aos teatros em 1840 com a comédia *A família e a festa da roça*, que, assim como sua peça de estreia nos palcos, foi bem recebida pelo público do Teatro de São Pedro de Alcântara. Após a encenação de sua segunda comédia, o autor não estreou novas peças por três anos. Provavelmente, teria se afastado do teatro, momentaneamente, para se dedicar ao funcionalismo público, já que, desde 1838, trabalhava como amanuense da Mesa do Consulado da Corte, sendo nomeado, em 1843, amanuense da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros.

Somente em 1844 Martins Pena retornaria, com suas comédias em um ato. Nesse ano, estreiam *O Judas em Sábado de Aleluia* e *Os irmãos das almas*. Nos anos seguintes, entre 1845 e 1847, a maior parte de sua obra dramática estreou: foram 14 comédias em um e três atos – dentre elas: *O namorado ou A noite de São João*, *Os dois ou O inglês maquinista* e *O noviço* – e dois dramas históricos em cinco e dois atos, respectivamente: *Vitiza ou O Nero de Espanha* e *A mulher feia*.

Os dramas de Martins Pena

Após sua inserção na cena teatral carioca com as peças cômicas, Martins Pena levou aos palcos dois de seus dramas. Desde o final do decênio de 1830, o autor se dedicava à composição de tais peças, gênero que ganhava destaque na literatura dramática do período. O drama histórico ou romântico, que vinha conquistando os palcos da Europa e sendo teorizado, principalmente, por Victor Hugo, apresentava uma revolução formal e temática, se comparado aos modelos da tragédia clássica e neoclássica:

(...) o drama romântico dispensa as unidades de tempo e espaço, mistura elementos da tragédia e da comédia, desobedecendo à unidade de tom, e alarga a ação mostrada em cena por meio da complicação do enredo e da multiplicação dos personagens. Essa revolução formal vem acompanhada de uma revolução no conteúdo: o drama romântico não busca os seus temas na Antiguidade clássica, mas fundamentalmente no passado nacional.⁷

Na corte brasileira, o drama histórico era frequentemente encenado pela companhia dramática do Teatro de São Pedro de Alcântara, agradando aos espectadores e, por vezes, gerando polêmicas em torno de seus temas, inovadores para a época. Martins Pena queria ser reconhecido não apenas pelas comédias farsescas que já compunha e encenava desde 1838, mas também como um autor de peças sérias, que eram bem recebidas pelo público e crítica. Segundo Damasceno⁸, o autor compôs seis dramas históricos, escritos entre os anos de 1837 e 1847: *Fernando ou O cinto acusador*; *D. João de Lira ou O repto*; *D. Leonor Teles*; *Itaminda ou O guerreiro de Tupã*; *Vitiza ou O Nero de Espanha* e *Drama sem título*.

A crítica literária, ao avaliar os dramas de Martins Pena, sempre se ancorou em uma abordagem negativista que

realça os aspectos exagerados e não clássicos dessas peças. As avaliações se fundamentam no pressuposto de pouco valor literário e estético de tais dramas; no entanto, não os relacionam com o contexto de produção teatral da época, caracterizado, principalmente, pelo grande sucesso de encenação, nos palcos cariocas, de dramas históricos estrangeiros, principalmente franceses e portugueses, que, assim como os enredos de Martins Pena, também apresentam reviravoltas fantásticas e exageros melodramáticos, características essenciais do gênero. As obras historiográficas, assumindo como parâmetro de comparação o modelo clássico de composição dramática, ressaltam como aspectos negativos a linguagem rebuscada e as peripécias fantásticas que os dramas de Martins Pena apresentam, o que os assemelharia aos melodramas, eliminando assim qualquer elogio de composição estética. Dentre os historiadores literários que apontam essa despreocupação estética por parte de Martins Pena e identificam um inacabamento de seus textos, podemos destacar as considerações de Bosi, que enfatiza a não encenação dessas peças, no século XIX, como um indicativo da ausência de qualidades literárias, fatores responsáveis, a seu ver, pela escolha e decisão de representação de um texto dramático:

Pena tentou o teatro histórico, gênero nobre no Romantismo europeu. Mas sem êxito: peças como *D. João de Lira ou O repto* e *D. Leonor Teles* nem sequer foram representadas, e a sua leitura, hoje, indica que na verdade não o mereciam.⁹

Magaldi opta por enaltecer a importância das comédias na construção do nome literário de Martins Pena, ao passo que seus dramas nada teriam contribuído com tal processo. O crítico teatral ressalta o valor documental dos dramas do autor, já que se trata de enredos históricos; contudo, não reconhece nessas peças quaisquer qualidades estéticas. Sendo assim, sua encenação revelaria apenas essa riqueza documental:

Os cinco dramas completos nada acrescentam ao nome literário de Martins Pena. As comédias subsistem não apenas como documentário, mas valem pela verve, pelo sabor, pelo mecanismo, que guardam a eficácia cênica em nossos dias. Quanto aos dramas, supomos que sua montagem, hoje, não representaria outro mérito senão o de mostrar ao público um documento histórico.³⁰

Assim, Martins Pena é consagrado pela historiografia literária brasileira como um excelente comediógrafo, o autor responsável por fundar a comédia nacional; por outro lado, aparece nas páginas das histórias literárias e teatrais como um péssimo autor de dramas. Essas peças raramente receberam estudos que constituíssem suas trajetórias pelos palcos oitocentistas. Essa contextualização histórica torna-se necessária, pois, ao revelar informações inéditas, pode potencializar novos olhares sobre uma face esquecida de Martins Pena, além de suas comédias de costumes. Muitas das informações que conhecemos, atualmente, acerca da encenação desses dramas, tais como as datas de estreias, as quantidades e circunstâncias de representações, são incompletas e, por vezes, errôneas. Os dicionários dedicados ao teatro brasileiro repetem dados equivocados apresentados pelas histórias literárias, por exemplo, ao considerarem que Martins Pena “escreveu cinco melodramas, que permaneceram inéditos no seu tempo, e apenas um foi representado, sem qualquer repercussão”³¹.

O primeiro drama de Martins Pena encenado foi *Vitiza ou O Nero de Espanha*, cujo enredo oferece um painel da tirania concebida pelas ações perversas de Vitiza, um rei tirano. Segundo Damasceno³², a peça teria sido escrita em 1841 e encenada em 21 de setembro desse mesmo ano. No entanto, a estreia da peça ocorreu somente quatro anos após sua composição, em 21 de setembro de 1845. A primeira encenação deu-se no Teatro de São Pedro de Alcântara, onde o drama foi exibido em mais quatro ocasiões entre o final de setembro e início de outubro de

1845. A companhia dramática do teatro investiu na representação: o figurino seria novo e o cenário, enriquecido com “todo aparato necessário”³³. *Vitiza ou O Nero de Espanha* foi muito bem recebido pela companhia dramática do Teatro de São Pedro de Alcântara, pois, nesse período, dificilmente a estreia de uma peça receberia tão dedicada atenção em sua representação. De fato, o drama era uma aposta de sucesso pela companhia, que já na segunda exibição, dois dias após a estreia, divulgava a peça nos anúncios teatrais como “aparatoso e muito aplaudido drama original”³⁴. As cinco encenações que a peça recebeu, em um curto espaço de tempo, podem ser consideradas como algo razoável no teatro carioca do período, visto a grande concorrência que os dramaturgos nacionais enfrentavam com a invasão do repertório teatral europeu.

A temática de *Vitiza ou O Nero de Espanha* é comum aos dramas históricos encenados com grande frequência nessa década, cujos enredos, de linha amorosa, buscavam elementos no passado histórico de sociedades nacionais, principalmente europeias. Notamos a presença de tais características do gênero nesse drama de Martins Pena: há o uso de personagens nobres e históricas; a ambientação do enredo baseia-se em terras estrangeiras; as desventuras amorosas são levadas ao extremo; crueldades e assassinatos são praticados por nobres tiranos. Assim, constatamos que a peça escrita pelo autor não é atípica, se comparada aos enredos dos dramas românticos; pelo contrário, é coerente com um estilo dramático legitimado pelo teatro e espectadores de seu momento.

Contrariamente à ideia de que os dramas de Martins Pena nada agregaram de positivo ao seu nome literário, destacamos que foi a partir do anúncio de estreia do drama *Vitiza ou O Nero de Espanha* que o autor abandonou o anonimato, já que os anúncios teatrais passaram a divulgar seu nome na imprensa – “L. C. M. Pena” ou “Sr. Pena” –, conferindo-lhe a autoria das peças que anteriormente haviam sido anunciadas anonimamente:

Teatro de S. Pedro de Alcântara. Companhia Dramática. Domingo, 21 de setembro de 1845. 8ª Récita de assinatura. Grande espetáculo. Primeira representação do drama original, em 5 atos e um prólogo em verso, *Vitiza ou O Nero de Espanha*, por L. C. M. Pena. O vestuário é inteiramente novo, e a representação será enriquecida de todo o aparato necessário. Os bilhetes vendem-se no escritório do teatro. Principiará às 8 horas.³⁵

Acredita-se que *Vitiza ou O Nero de Espanha* tenha sido o único drama do autor encenado nos teatros. Contudo, a pesquisa nos periódicos provou que tal informação é errônea, já que um drama em dois atos foi também representado. O texto incompleto e sem título referente a essa peça, até então cunhada por Damasceno como *Drama sem título*, foi localizado por este, na década de 1950, em seu estudo dos manuscritos de Martins Pena. A peça não pôde ser nomeada pois não constava nesses manuscritos a página de rosto. Dela nos restaram apenas a apresentação das personagens e as cinco cenas iniciais do primeiro ato. Assim, tendo posse dos nomes das personagens que a compõem (*Sir Tockley*, o Duque, Davidson, Pistole, Alice e Catarina), foi possível atribuir o título a esse drama e verificar suas encenações, a partir dos anúncios teatrais encontrados nos jornais. O drama, denominado *A mulher feia* – adaptação feita por Martins Pena de uma peça originalmente europeia –, estreou no Teatro de São Pedro de Alcântara em 27 de janeiro de 1847, como peça principal do espetáculo em benefício do ator José Candido da Silva. Nessa ocasião, a comédia *O Judas em Sábado de Aleluia* finalizou o benefício. A segunda exibição de *A mulher feia* ocorreu em 21 de setembro de 1848, no mesmo teatro.

O enredo desse drama é ambientado na Inglaterra, durante o reinado de Jorge II, que se estendeu de 1727 a 1760. Davidson é um pai zeloso que cuida de Alice, sua única filha. Ele a esconde em casa para que ninguém a veja, pois uma feiticeira lhe predizera que a jovem teria

a honra maculada por um homem desonesto que a abandonaria antes do casamento. Como Alice era desconhecida pelas pessoas do reino, esse mistério fez todos pensarem que a menina era muito feia, por isso seu pai a privava do convívio social. No entanto, Alice era uma bela e romântica moçoila que sonhava com os cavaleiros virtuosos dos romances de cavalaria. A última cena do drama, que sobreviveu até os nossos dias, nos indica que o aparecimento de um jovem honrado da nobreza mudará o rumo da história e a vida de Alice.

Considerações finais

A pesquisa na imprensa oitocentista tem sido extremamente produtiva para o estudo de reconstituição histórica do teatro brasileiro, fornecendo informações inéditas sobre a recepção de público e crítica dos espetáculos, companhias de atores e dramaturgos.

As fontes primárias permitiram constatar que Martins Pena começou sua carreira de teatrólogo como um autor anônimo. Primeiramente, entre 1838 e 1844, escreveu comédias em um ato que finalizavam espetáculos que encenavam dramas, comédias ou tragédias de três a cinco atos. Em 1845, produziu *O noviço*, sua primeira comédia em três atos, e *Vitiza ou O Nero de Espanha*, seu primeiro drama. A partir de então, os anúncios teatrais passaram a divulgar seu nome e a conferir-lhe a autoria das peças.

Por meio dos dados recolhidos nos periódicos *Diário do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio*, durante a década de 1840, foi possível desvendar o modo como Martins Pena encenou dois de seus dramas. A contextualização das exibições de *Vitiza ou O Nero de Espanha* e *A mulher feia* ofereceu elementos que enriqueceram a compreensão da face dramática do autor. A reconstituição histórica da presença de Martins Pena nos palcos da corte trouxe informações novas acerca das reais encenações de seus dramas, reparando alguns equívocos repetidos pela crítica literária. Ademais, esses dados, que contextualizam as

representações dos dramas, permitem repensar as críticas negativas dirigidas às obras, uma vez que constituem um panorama sobre a recepção crítica de Martins Pena no teatro brasileiro de seu momento. Cabe-nos, agora, a partir dos dados recolhidos na imprensa oitocentista, lançar novos olhares a esses dramas esquecidos.

Referências bibliográficas

ARÉAS, V. S. *Na tapera de Santa Cruz: uma leitura de Martins Pena*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. "A comédia no romantismo brasileiro: Martins Pena e Joaquim Manuel de Macedo." *Novos estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 76, pp. 197-217, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000300010 (Acessado em 08/10/2010).

BOSI, A. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1975.

GUINSBURG, J.; FARIA, J.; LIMA, M. *Dicionário do Teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos*. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2006.

MAGALDI, S. *Panorama do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

PENA, M. *Comédias de Martins Pena*. DAMASCENO, D. (org.). São Paulo: Tecnoprint, 1968.

_____. *Teatro de Martins Pena: dramas*. DAMASCENO, D. (org.). Rio de Janeiro: MEC: INL, 1956.

PRADO, D. A. *História concisa do Teatro Brasileiro: 1570-1908*. São Paulo: Edusp, 1999.

SOUSA, J. G. *O teatro no Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: MEC: INL, 1960.

VEIGA, L. F. "Luis Carlos Martins Pena: o criador da comédia nacional." *Dionysos: estudos teatrais*, Rio de Janeiro, MEC, INL, n. 1, Ano I, pp. 57-68, Out./1949.

Fontes

Diário do Rio de Janeiro (1838-1848)

Jornal do Commercio (1838-1848)

Notas

- 1 L. F. Veiga, "Luis Carlos Martins Pena: o criador da comédia nacional." *Dionysos: estudos teatrais*, pp. 57-68.
- 2 V. S. Arêas, V. S. *Na tapera de Santa Cruz: uma leitura de Martins Pena*.
- 3 D. A. Prado, *História concisa do Teatro Brasileiro: 1570-1908*, p. 57.
- 4 J. G. Sousa, *O teatro no Brasil*.
- 5 João Caetano dos Santos (1808-1863) foi um importante ator, escritor, empresário e diretor de companhias dramáticas do teatro brasileiro romântico.
- 6 Teatros, *Jornal do Commercio*, Anúncios, 2 out. 1838, p. 4.
- 7 J. Guinsburg; J. Faria; M. Lima, *Dicionário do Teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos*, p. 117.
- 8 D. Damasceno, *Teatro de Martins Pena: dramas*.
- 9 A. Bosi, *História concisa da Literatura Brasileira*, p. 165.
- 10 S. Magaldi, *Panorama do Teatro Brasileiro*, p. 58.
- 11 J. Guinsburg; J. Faria; M. Lima, *op. cit.*, p. 179.
- 12 D. Damasceno (org.), *Comédias de Martins Pena*.
- 13 Teatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 20 set. 1845. Anúncios, p. 4.
- 14 Teatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 set. 1845. Anúncios, p. 4.
- 15 Teatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 20 set. 1845. Anúncios, p. 4.